

# Um país chamado Infância



**PARA GOSTAR DE LER 18**

# Um país chamado Infância

---

MOACYR SCLIAR

---

Ilustrações  
Marcelo Pacheco

**ea**  
editora ática

Este livro apresenta os mesmos textos ficcionais das edições anteriores

*Um país chamado Infância*

© Moacyr Scliar, 1995

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Colaboração na redação de textos	Malu Rangel
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida
ARTE	
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Criação do projeto original da coleção	Jiro Takahashi
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial
	Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

5434p  
19.ed.

Scliar, Moacyr, 1937-

Um país chamado Infância / Moacyr Scliar ; ilustrações

Marcelo Pacheco. - 19.ed. - São Paulo : Ática, 2003.

96p. : il. - (Para Gostar de Ler)

Contém suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-08322-0

1. Literatura infantojuvenil. 2. Crônica brasileira. I. Pacheco, Marcelo. II. Título. III. Série.

10-2566.

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08322-0 (aluno)

ISBN 978 85 08 08323-7 (professor)

2013

19ª edição

10ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário



<b>Um país chamado Infância</b> .....	7
<b>Travessuras</b>	
O garoto e as chaves .....	13
Vou-me embora desta casa! .....	15
Os truques da terapêutica .....	18
Lição para casa .....	21
O pai sequestrado .....	23
Nem doeu .....	26
À prova d'água .....	28
Os terroristas .....	30
Minha vida como pivete .....	32
<b>Momentos inesquecíveis</b>	
O primeiro dente .....	37
O guri não quer comer .....	40
A festinha do colégio .....	43
A primeira cartilha .....	46
Diálogo .....	48
O primeiro caderno .....	51
Só mais um minuto .....	54
Os comícios dos adolescentes .....	56
<b>Pais e filhos</b>	
A mamadeira das duas da manhã .....	61
Deixa a luz acesa, pai .....	65
A patologia da manhã infantil .....	68
Os craques do futuro .....	70
A glória do <i>skate</i> .....	73
Esqueceram de mim .....	75
Antes e depois .....	78

Oração de um pai.....	82
Qual destes é o seu pai? .....	83
<b>Conhecendo o autor</b> .....	85
<b>Referências bibliográficas</b> .....	89

# Um país chamado Infância

*Moacyr Scliar*

Há um país chamado Infância, cuja localização ninguém conhece ao certo. Pode ficar lá onde mora o Papai Noel, no Polo Norte; ou ao sul do Equador, onde não existe pecado; ou nas florestas da Amazônia, ou na África misteriosa, ou mesmo na velha Europa. Os habitantes deste país deslocam-se no espaço em naves siderais, mergulham nas profundezas do oceano, caçam leões, aprisionam dragões. E depois, exaustos, tombam na cama. No dia seguinte, mais aventuras. Não há *déjà-vu* no país da Infância. Não há tédio.

Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da Infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Para estas crianças, a Infância é um lugar mítico, que podem apenas imaginar quando olham as vitrinas das lojas de brinquedos, quando veem TV ou quando olham passar, nos carros dos pais, os garotos

de classe média. Quando pedem, num tom súplice — tem um trocadinho aí, tio? —, não é só o dinheiro que querem: é uma oportunidade para visitar, por momentos que seja, o país com que sonham.

Para nós, adultos, o problema é diferente. Estivemos no país da Infância e de lá fomos exilados. Como todos os exilados sonhamos em voltar. O que é muito difícil. Precisamos para isso de um passaporte especial, concedido somente em circunstâncias muito especiais. E como é que a gente arranja este passaporte? Há algumas maneiras. Eu recorro a uma delas, muito antiga: conto histórias. Histórias que nascem de minha dupla experiência de pai e de escritor. E para quem as escrevo? Escrevo-as para muita gente, mas gostaria que elas fossem lidas sobretudo pelos jovens que um dia serão pais e mães. Notem, não estou tentando ensinar nada. Mesmo porque, se as crianças aprendem com os adultos, os adultos também aprendem com as crianças. Acredito muito naquela frase do poeta inglês William Wordsworth (1770-1850) segundo a qual a criança é o pai, ou a mãe, do adulto. A maturidade consiste em voltarmos constantemente à infância. Que é uma fonte inesgotável: de sabedoria e de encanto.

É a sabedoria e o encanto que eu busco nestas periódicas viagens ao país chamado

Infância. Gostaria que vocês me acompanhassem. É uma aventura, garanto a vocês, que nada fica a dever às viagens espaciais ou aos mergulhos nas profundezas do oceano. Temos um mundo dentro de nós, um mundo que vale a pena descobrir.



# Travessuras





# O garoto e as chaves

---

**E**xiste um animalzinho — uma espécie de esquilo norte-americano, acho — que tem um curioso hábito: esconde nozes e frutas e depois não se lembra onde. Parece que esta peculiaridade é muito benéfica, pois é grande o número de árvores que nascem graças ao esquecimento do bichinho.

Bom. Isto quanto ao esquilo. E você já ouviu falar de crianças que escondem objetos? Pois é. Isto também existe — com consequências embaraçosas, para dizer o mínimo. Sei, porque atualmente estou passando por uma curiosa experiência a respeito.

Não me recordo exatamente quando é que o Roberto começou a esconder chaves. Mas a primeira vítima foi uma amiga nossa. Enquanto minha mulher a visitava, o Roberto ficou brincando. Quietinho. Quietinho até demais — elas deveriam ter desconfiado. Mas não desconfiaram.

No dia seguinte nossa amiga telefonou. Um pouco embaraçada: O Roberto não teria, ahn, por acaso, ahn, levado as chaves do carro dela, que não achava em lugar algum? Surpresos, interrogamos o suspeito. Com toda a inocência de seus dois anos ele nos garantiu: não, não tinha chave nenhuma. Não contentes com esta declaração de inocência, e correndo o risco de traumatizar o guri, nós o revistamos, procuramos em seu quarto. Mas, de fato, não achamos chave alguma. É que ele não estava com as chaves. Naquele mesmo dia nossa amiga constatou que o vaso do banheiro estava entupido. Chamou o instalador que, com alguma dificuldade, conseguiu re-